

ENRIQUE VILA-MATAS

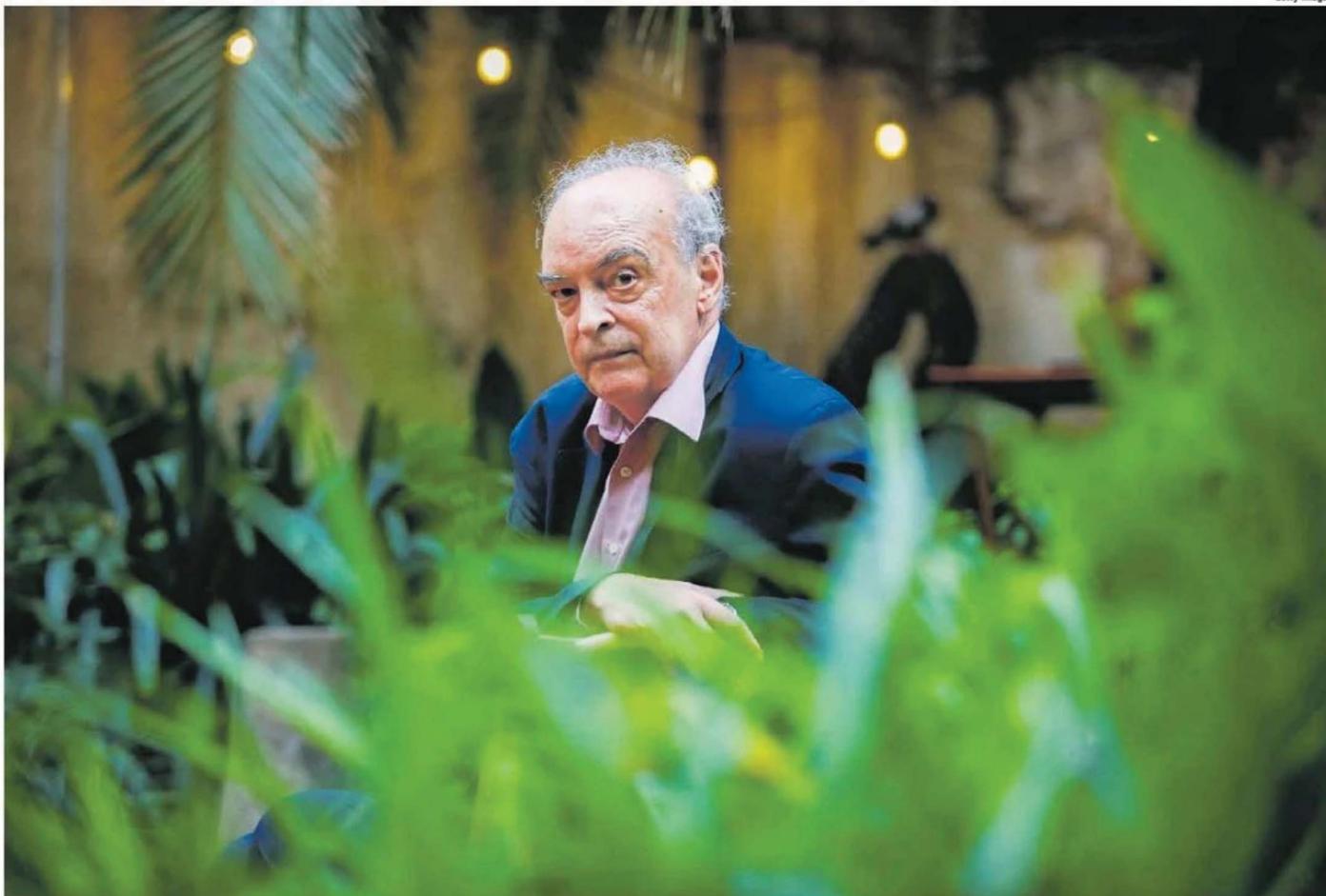
1 98020783

Comparo a fidelidade à literatura com a fidelidade no amor

“Toda a escrita corre o risco de não ter sentido e não seria nada sem esse risco. O meu lema literário é, desde há algum tempo, esta frase de Quixote: ‘Pela liberdade, Sancho, assim como pela honra, pode e deve-se arriscar a vida’”, diz o escritor catalão Enrique Vila-Matas, um dos grandes nomes da literatura, autor de obras como “O Mal de Montano”. No seu mais recente livro, “Montevideu”, lançado em Portugal pela Dom Quixote, o narrador volta a declarar o seu amor às palavras, num jogo constante entre realidade e ficção, num labirinto intrincado feito de acasos e de portas contíguas, com referências a “escritores de antigamente” como Julio Cortázar. “Montevideu” parte aliás do seu conto “A Porta Condenada”, que relata a saga de um homem que viaja até à capital do Uruguai e se hospeda num hotel de nome Cervantes e encontra uma porta escondida atrás do roupeiro do quarto. “‘Montevideu’ não deixou de me perseguir desde o momento em que o publiquei”, conta-nos Enrique Vila-Matas em entrevista por email. Também ele encontrou uma porta escondida num hotel em Sevilha. . .



LÚCIA CRESPO



O que leva um escritor a persistir na arte de escrever?

Comparo a fidelidade à literatura com a fidelidade no amor. Para o meu livro "Estranha Forma de Vida" criei a epígrafe de um autor inventado, Manuel Da Cunha, que dizia assim: "No amor há duas espécies de fidelidade: uma nasce da cobardia, do nosso amor à solidão ou à aventura; a outra é porque nos orgulhamos de ser fiéis".

Neste livro aborda aquilo que designa por "síndrome Rimbaud", ou "síndrome do Não", ou ainda "síndrome de Bartleby", que afeta os escritores que cedem à "pulsão negativa ou à atração pelo nada e deixam de escrever". Receia essa "maldição"?

Quando fui vítima da síndrome, ou seja, quando senti que já não sabia sobre o que escrever, decidi criar "Bartleby & Companhia" (resgatando a figura do escrivo Bartleby, de Herman Melville), um livro sobre os escritores que deixaram de escrever, e foi muito curioso mas, graças ao "rimbaudismo" de todos os "bartlebys", consegui continuar a escrever. Em "Montevidéu", o narrador critica "Bartleby & Companhia" (que aparece no meu romance com um título diferente) e diz que, a longo prazo, esse livro se converteu num pesadelo que suportou o melhor que pôde nos últimos anos, um pesadelo embutido em carne viva, como

aquela maçã que o pai atirou a Gregor Samsa e que ficou incrustada no corpo de Gregor, e com o tempo acabou por apodrecer. Mas devo dizer que estou muito grato ao livro por aquilo que me deu, o que não significa que seja o melhor dos que escrevi – para mim, são superiores os livros "O Mal de Montano", "Doutor Pasavento", "Dublinesca", "Kassel não Convida à Lógica", "Chet Baker Pensa na Sua Arte"...

Existe nesta obra um escritor renascido "que, tal como o seu protagonista, consegue voltar a escrever quando lhe acontecem coisas reais", conforme refere o El País?

Essa foi, acho eu, a forma de o El País frisar que, por detrás de "Montevidéu", existia um livro ao qual seria bom prestar atenção. A ideia de que eu tinha "renascido" estava, por outro lado, ligada ao facto de eu ter sido submetido a um transplante de rim, doado pela minha querida mulher, Paula de Parma. Fiz o transplante quando terminei o rascunho de "Montevidéu". Quando saí do hospital, retomei o esboço logo que pude e, mal comecei a revê-lo, notei em mim um estranho entusiasmo por "Montevidéu", um estado de euforia crescente, e que crescia à medida que, paralelamente, testemunhava como eu e a Paula melhorávamos de dia para dia. Reescrevi "Montevidéu" num impressionante e cada vez mais forte surto de

euforia, provocado sobretudo pela alegria de perceber até onde a escrita me levava. Uma emoção que me conduziu ao tema da elevação: "Converteste-te recentemente num escritor ao qual as coisas acontecem de verdade. Oxalá compreendas que o teu destino é o de um homem que deveria estar já a desejar elevar-se, renascer, voltar a ser. Repito: elevar-se. Nas tuas mãos está o teu destino, a chave da nova porta".

Um escritor apercebe-se de que é escritor sobretudo quando deixa de escrever?

Sempre escrevi para que, uma vez que quase nada me acontecia, me acontecesse alguma coisa, e assim ter algo para contar, mas em "Montevidéu" acontece o contrário ao narrador, pois é precisamente quando deixa de escrever que as coisas lhe acontecem.

"Montevidéu" não é um livro autobiográfico. Costuma dizer: "Escrevo ficção a partir de um espaço normalmente ocupado pelos ensaístas: um eu literário visível!"...

Nos meus romances, desde "O Mal de Montano" (2002), ou talvez mesmo antes, há sempre a voz de um ensaísta (cuja identidade varia em cada livro) que acaba por ser um narrador, resultando numa mistura de pensamento com ficção.

continua

Falar de autoficção é redundante e disparatado. Tudo é autoficcional, pois aquilo que se escreve sai sempre de nós próprios. Até a Bíblia é autoficção.



ID: 106730615

18-08-2023 | WEEKEND

ENTREVISTA

ENRIQUE VILA-MATAS

continuação

... e também não é autoficção? Diz aliás que a autoficção não existe.

Falar de autoficção parece-me redundante e disparatado. Não será suficiente a palavra "ficção", que é mais curta? É absurdo não perceber que tudo é autoficcional, pois aquilo que se escreve sai sempre de nós mesmos. Até a Bíblia é autoficção, porque começa com alguém a criar alguma coisa, porque há sempre alguém a manipular os fios do que ali se conta. E também não existe "não-ficção", é apenas uma categoria comercial, um rótulo para vender o livro. Concorde comigo que qualquer versão narrativa de uma história real é sempre uma forma de ficção: a partir do momento em que se ordena o mundo com palavras, a natureza desse mundo é alterada.

O que o levou a dar o primeiro passo no género fantástico?

Não sei se vai acreditar em mim, mas entrei no género fantástico sem me aperceber, sem ter consciência disso – foi ao passar para "a outra parte", ao entrar no quarto escuro contíguo da divisão onde decorre "A Porta Condenada", conto de Cortázar. Em suma, ao mover-me na fronteira entre o real e o fictício, sendo tudo real, grandemente real, o que não significa que não me tenha lembrado que o visível não é mais do que um vestígio do invisível.

O tema dos quartos contíguos atravessa todo o romance. "Montevideu" parte do conto "A Porta Condenada" e da "brilhante coincidência" com o relato "Uma Viagem ou O Mago Imortal", escrito por Bioy Casares mais ou menos na mesma altura...

A coincidência do conto de Cortázar com o de Bioy está na origem do livro. É algo de que tomei conhecimento no século passado, durante a minha primeira viagem a Buenos Aires. Foi a escritora argentina Vladý Kociancich que falou desse fantástico acaso entre "A Porta Condenada" e "Uma Viagem ou O Mago Imortal", um relato escrito por Bioy Casares quase nos mesmos dias em que Cortázar escreveu o seu, com um enredo muito semelhante. Dizia Kociancich que, se a coincidência do enredo já era estranha, a existência de muitas outras coincidências tornou tudo ainda mais estranho. Petrone, a personagem de Cortázar, e o narrador de Bioy tinham a mesma profissão e viajavam para a mesma cidade, Montevideu (no "vapor da carreira", o mítico "ferry" que saía de Buenos Aires às dez da noite e chegava ao seu destino na manhã seguinte), e os dois estavam prestes a fazer o registo no mesmo hotel sombrio e tranquilo...

“

Vivemos numa era fascinante para o exercício da literatura.

O narrador diz que há livros que têm vida própria e que continuam a escrever-se a si mesmos, a romanciar-se sozinhos. Aconteceu isso com "Montevideu"?

"Montevideu" não deixou de me perseguir desde que o momento em que o publiquei. Pois bem, assim que entrei num quarto de hotel em Sevilha (a primeira cidade à qual me desloquei para apresentar o livro), tive uma grande surpresa, pois descobri que no seu interior havia um longo corredor que nos levava até a uma porta que conduzia forçosamente ao quarto dos vizinhos. Mas não deixava de ser estranha a existência daquele corredor tão longo para ir até à porta contígua... Não me vou alongar, mas devo dizer que, quando comecei a brincar e a abrir a porta, partindo do princí-

pio de que estava fechada, percebi que estava aberta e passei por um momento de terror semelhante àquele pelo qual passou o narrador de "Montevideu" por detrás do mesmo armário onde existia a porta cega que, em 1954, deu o título ao conto "A Porta Condenada" escrito por Cortázar e que, para uma investigação sobre o ponto exato onde realidade e ficção se cruzam, levou o meu narrador a Montevideu.

Qual a importância do medo, dos medos, no trabalho de um escritor?

Acho que trabalham muito a nossa imaginação e onde antes não havia nada, de repente, surge o puro terror perante aquilo que nos pode acontecer. E também acredito que todos sabemos que a verdade é sempre dececionante e que a arte existe para a modificar, mesmo que ligeiramente, se necessário.

É necessário ousar e experimentar outros lugares, outras "portas e salas", tanto na literatura como na vida?

Toda a escrita corre o risco de não ter sentido e não seria nada sem esse risco. Escrever de verdade é, para mim, arriscar e "aventurar-se" na procura da mais absoluta liberdade. Michel Leiris falou sobre isso em "La Literatura considerada como una tauromaquia" quando propôs "introduzir pelo menos um chifre de touro em tudo o que escrevemos". Para Leiris, não bastava ser escritor, não bastava ser um homem de letras. Tudo isso parecia enfadonho e monótono, desprovido de perigo. Leiris procurava escrever "expondo-se" na linha da frente. O meu lema literário é, desde há algum tempo, esta frase de Quixote: "Pela liberdade, Sancho, assim como pela honra, pode e deve-se arriscar a vida".

Será também necessário recuperar a curiosidade da infância?

Eu era assim em criança: fazia muitas perguntas e tudo me intrigava. Gosto de pensar que continuo a ser praticamente o mesmo.

Este é o livro mais livre que já escreveu? É "shandy"? ("Montevideu" faz alusão à obra "A Vida e Opiniões de Tristram Shandy", de Laurence Sterne, esse romance "onde o riso está sempre pronto a rebentar e de repente se resolve em lágrimas").

É "shandy", mas nem todos os leitores que me abordam sabem o que significa ser "shandy" (no dialeto de algumas zonas do condado de Yorkshire – onde Laurence Sterne viveu grande parte da



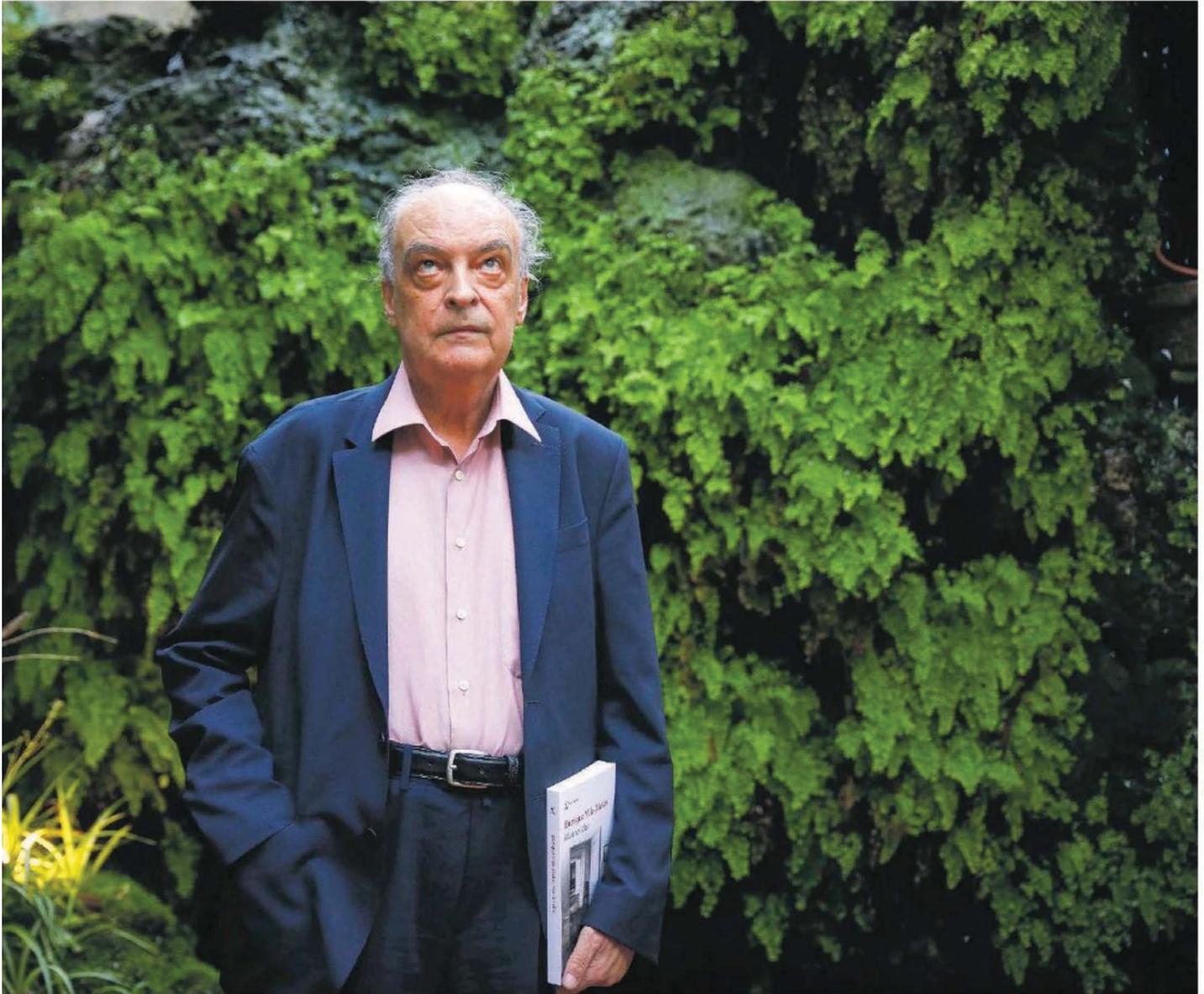
sua vida – significa indistintamente "alegre, inconstante e louco").

O narrador diz que "Tristram Shandy" é o seu amuleto da sorte. Porquê?

O feitiço poderia ser apagado se eu dissesse porquê.

Este é também um ensaio sobre a felicidade?

Uma pessoa muito perspicaz, Rodrigo Fresán, quando falou pela primeira vez sobre o que eu escrevia, intitulou o seu artigo "O estilo da felicidade". Penso que esse estilo vem dos dois ramos da minha família, o materno e o paterno (neste caso, só o meu pai): ambos nada tortuosos, inimigos da angústia existencial, partidários de enfrentar sem problemas o território agradável da vida.



A verdade é sempre dececionante e a arte existe para a modificar, mesmo que ligeiramente, se necessário.



É humor sério, “algo raramente praticado na literatura”, como diz o narrador?

Uma vez li esta frase do cubano Lezama Lima: “Mallarmé ria-se de forma infinitamente séria”. O que posso dizer? Assim que li essa frase em voz alta, várias pessoas disseram que o meu riso também era infinitamente sério. Dentro do possível, tentei sempre nunca as contrariar.

Há aqui um jogo com o leitor que é um convite à interação também?

É bem possível. Muitas pessoas contaram-me que, quando leram “Montevideu”, chegaram a pensar que o livro tinha sido escrito só para elas.

Fala dos “escritores de antigamente”, como Cortázar e Bolaño. São uma reli-

quia total do passado, como aponta o narrador?

Alguém na Argentina cunhou o conceito de “escritores de antigamente”, referindo-se exclusivamente a alguns autores literários que foram um farol e funcionaram como guias de orientação ética para muitos jovens escritores. Se bem me lembro, quem o disse ilustrou o conceito citando Cortázar e Bolaño. Mas poderiam ter sido muitos outros escritores. Quando eu vivia em Paris, o meu farol era outro “escritor de antigamente”: Samuel Beckett. Só o vi uma vez, como conto em “Paris Nunca se Acaba”: estava sentado num banco, nos Jardins do Luxemburgo, a virar furiosamente as páginas do jornal.

Como será a literatura do futuro? No livro, o narrador fala sobre os “idiotas di-

gitais – os que se renderam ao poder da tecnologia que parece estar a transcrescer tudo”. Poderá o ofício da escrita desaparecer ou tornar-se desnecessário?

Ao contrário do que muitos supõem, a nossa era é um período fascinante para o exercício da literatura. Talvez o aspeto mais atraente deste exercício nos nossos tempos – embora digamos sempre que a literatura tem de superar o seu próprio desaparecimento, a morte do autor, do texto e da linguagem – se encontre no facto maravilhoso de a linguagem não ser algo que reproduz a realidade, mas algo que a constrói e desconstrói, que a faz e desfaz a partir de uma inevitável subjetividade. E acredito que isso nos coloca perante um mundo de possibilidades extremas, infinitas. Mesmo que a extinção (da literatura, por exemplo) possa estar próxima, por mais distante que a vejamos. **w**



Weekend
negócios

W

ENRIQUE VILA-MATAS

SEXTA
18.08.23

Escrever de verdade
é correr riscos

Europa Press via Getty Images

ID: 106730615

18-08-2023 | WEEKEND

Entrevista a
Enrique Vila-Matas

**“A verdade é sempre
dececionante
e a arte existe
para a modificar”**



Europa Press/Getty Images